

## AKUTI: UM LUGAR DE PERTENCIMENTO

BARBARA CALIXTO DOS SANTOS<sup>1</sup>; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES <sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas 1 – barbaracalixtods@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas 2 – dudaeduarda.ufpel@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente texto versa sobre a pesquisa intitulada “Akuti: Um lugar de pertencimento” e inicialmente foi desenvolvida no Curso de Graduação em Artes Visuais Bacharelado, com o apoio de bolsa PROBIC/FAPERG junto ao Projeto de pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil”. Atualmente, a pesquisa encontra-se vinculada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGARTES, na linha de pesquisa Processos de criação, Poéticas e Cotidiano, sob orientação da Professora Dra. Eduarda Gonçalves, vinculado ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e cartografias contemporâneas-Deslocc (CNPq/UFPEL). Após o período da pandemia de Covid-19, comecei a pensar sobre a casa que residia na infância e percebi que os estudos direcionados anteriormente sobre as casas-sonhos, ou seja uma reflexão sobre a possibilidade de construções imaginárias de casas em terrenos abandonados de Pelotas, estava relacionada intrinsecamente com as minhas subjetividades, memórias e a sensação de pertencimento, nas diversas casas que morei, estando sob tutela de casas de acolhimento até os 18 anos de idade. Desse modo, comecei a lembrar das casas que residia na infância, e na casa dos meus tios e assim realizar um memorial por meio do bordado sobre as coisas e os fatos que trago comigo ao longo do tempo e que revela este outro modo de existência no mundo. O bordado foi a linguagem que escolhi para contar e evidenciar as minhas memórias , e por meio das *escrevivências* da pensadora Conceição Evaristo, que permite narrar e escrever as minhas vivências quanto uma mulher negra.

### 2. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa em arte utilizei a metodologia de pesquisa em poéticas visuais, que envolve tanto a investigação teórica quanto prática do artista-pesquisador. Segundo Sandra Rey,

Pesquisa em arte, ênfase em poéticas visuais, delimita o campo do artista pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração do seu trabalho plástico, assim como a partir das questões teóricas e poéticas, suscitadas pela sua prática. (REY, 2012, p.2)

Igualmente, empreguei o conceito da *escrevência* criada pela linguista no campo da literatura, Segundo a autora

Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu

fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (EVARISTO, p. 39)

Ou seja, é uma escrita sobre nós, mulheres e homens negros, que durante muito tempo não tiveram direitos, não foram ouvidas, não escreveram e nem foram escritas. Escrevivência é resgate, registro, salvaguarda das nossas identidades, vivências e histórias que foram compartilhadas por meio da oralidade de nossos ancestrais.

A Escrevivência revela o processo pelo qual conduzo a reflexão e escrita, partindo das minhas memórias pessoais, no âmbito da metodologia da pesquisa em poéticas visuais, o que me permite estabelecer profundas conexões entre minhas lembranças de infância e sua atualização e ressignificação nos procedimentos artísticos.

Pensando minha pesquisa sobre pertencimento, comecei a investigar o território onde nasci, cidade de Cotia. Morei lá por alguns anos, mas pouco sabia sobre sua história. Através da pesquisa, notei que o nome da cidade mudou diversas vezes desde a colonização: Koty, Akuti, Coty, Cuty, Acotia, Acutia e, posteriormente, Cotia.

Realizei sete bordados em tecido de algodão cru, em escalas variadas, representando essas diferentes denominações. Inicialmente, coloquei todos em bastidores, formando uma série, mas senti que isso limitava as palavras a um único espaço. Pesquisando referências da arte têxtil, experimentei novas disposições e, ao colocá-los sobre uma mesa, encontrei uma organização que me interessa para o trabalho.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nasci em Cotia, no interior de São Paulo, e vivi nessa cidade durante os primeiros nove anos da minha infância. Minhas únicas lembranças desse período estão ligadas ao Lar Emmanuel, serviço de acolhimento criado em 1996 pelo Grupo de Assistência Social Casa de Emmanuel, em Caucaia do Alto, Cotia.

Atualmente moro em Pelotas, no Rio Grande do Sul, e ao pesquisar sobre pertencimento, optei por começar a investigação pelo meio: pela cidade onde nasci. Por que pelo meio? Acredito que o início seja pela minha ancestralidade, minha família e os que vieram antes de mim. Cotia é uma das cidades mais antigas do planalto paulista, historicamente um lugar de passagem e transição no caminho do Peabiru, no território indígena Carijó (Tupi-Guarani), onde era chamada Koty. Com a colonização jesuítica e a dizimação dos povos indígenas, o lugar passou a se chamar Cotia.

O bordado “Akuti: Um lugar de passagem” (fig.1), busquei a etimologia das palavras que deram origem ao nome da cidade sendo que, no idioma Tupi-Guarani, “Cotia” significa o mamífero roedor e animal que se assenta para comer. Esse lugar de assentamento e também de passagem, assim como a palavra, atravessa o tempo, corre e perpassa a história. Em pesquisa encontrei referência à cultura negra das festas de Congado em Cotia, manifestação

religiosa que também faz parte da minha memória de infância de quando vivia com a minha família e viajava para a cidade onde nasceram em Minas Gerais.



Figura 1. Akuti: Lugar de passagem, bordado em tecido de algodão cru, dimensões variadas, 2025. Fotografia pela autora.

As casas que habitei durante a infância, também chamadas de passagem, me fazem pensar sobre a minha condição, casas de acolhimento onde pude constituir um outro modo de estar no mundo, me educar e ressignificar o conceito de família. E o que me foi oferecido foi me inscrevendo a memória de pertencimento a partir de narrativas da família nos momentos que pude estar nesse contexto de convívio e diferentemente, de uma escrita das memórias a partir do um convívio familiar constante em uma casa. É sobre este outro modo de enlaçar a trajetória de vida que revelo em meus bordados. O pertencimento segundo Bell Hooks,

Nascemos e mantemos nossa existência no lugar da memória. Traçamos nossa vida por meio de tudo de que lembramos, do momento mais mundano ao mais majestoso. Conhecemos a nós mesmos por meio da arte e do ato de recordar. As memórias nos oferecem um mundo onde não há morte, onde somos sustentados pelos rituais de afeto e lembrança. Em Pertencimento: uma cultura do lugar presto, uma homenagem ao passado como ponto de partida para que revisemos e renovemos o compromisso com o presente [...] (HOOKS, p 26)

Igualmente, o António Bispo do Santos, nos revela que:

Uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas. Somos apenas moradores quando não temos uma relação de pertencimento, quando estamos aqui, mas partimos na primeira possibilidade que tivermos (SANTOS, 2023, p 38)

Ou seja, a minha minha relação de pertencimento se dá pela possibilidade de resgatar e ressignificar memórias numa outra condição familiar e por meio da arte, reencontro na pesquisa, imagens, árvores, escritos de jornais, somados às conversas com os meus familiares e orientadora. Investigo esse lugar que assim como os meus ancestrais, os povos indígenas que viviam nesse lugar passou por um processo de colonização, dizimação e apagamento identitário. O trabalho

“Akuti: um lugar de passagem” evidencia esse processo através da etimologia da palavra, assim como possibilita o pertencimento por meio da origem, significado da palavra e história do lugar.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa e os trabalhos estão em desenvolvimento, procuro fazer o mapeamento dos meus territórios, retornando e buscando na ancestralidade, por meio das narrativas e memórias para que possa encontrar, e dialogar com o presente.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, C. NUNES, I. Escrevivências: **A escrita de nós, Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020.

HOOKS, Bell. **Pertencimento: Uma cultura do lugar**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

NOSEDA, V. C. S. A. . **Koty, Acutia,Cotia - Além dos Bandeirantes**. In: Anais do XXIV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 2018, GUARULHOS - SP. História e Democracia: precisamos falar sobre isso, 1-14, 2018.

REY, S. (2012). Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre-RS [S. I.], v. 7, n. 13, p. 1-15.

SANTOS. A. B. **A terra dá, a terra quer**, São Paulo: Ubu Editora, 2023.